

10 – PE. EDUARDO LAGÓRIO

* Viola (Cuneo) Itália: 19-03-1911

(83 anos)

† Manaus: 10-02-1994

Pe. Eduardo Lagório nasceu em Viola(Cúneo), aos 19 de março de 1911. Entrou no aspirantado de Ivrea no dia 12 de março de 1928. Fez o noviciado em Villa Moglia, fazendo a profissão religiosa no dia primeiro de novembro de 1932.

Em dezembro do mesmo ano chegou para o Brasil. Fez a filosofia em Jaboatão:1933-1934, e o tirocínio em Barcelos.

Começou a teologia no Colégio Sagrado Coração de Jesus de Recife, e foi quando eu o conheci. Continuou os estudos no Instituto Pio XI, na Lapa, de 1938 a 1941, sendo ordenado por Dom José Gaspar de Afonseca e Silva, aos 8 de dezembro de 1941. A partir desta data até a morte, trabalhou entre os Tucanos: Taracua, Pari-Cachoeira e Jauareté.

No parecer do Pe. Antônio Giaccone e de Dom João Marchesi, aprendeu bem a língua tucana e poderia ter feito muito bem àquelas tribos. O mesmo Pe. Alcionílio o estimava muito e muitas vezes o consultava. Quando falava das tribos do Rio Negro, era sempre apaixonado, e sempre que podia tomar a defesa deles, o fazia com todas as veras do seu coração.

Uma vez, um nosso superior, visitando as missões, falando do Pe. Lagório, deixou escapar uma frase muito significativa: “Pe. Lagório, é uma inteligência perdida” ... no sentido que aproveitava pouco dos conhecimentos adquiridos sobre a língua e os costumes indígenas.

Uma vez organizou uma pequena comunidade de índios no Curicuriasí, levantando até uma escolinha. Os vários grupos lingüísticos da região o estimavam muito, e até lhe revelaram certos segredos da língua.

Conservava contatos constantes com estudiosos de fora, que tendo passado pelo Rio Negro escreviam pedindo informações.

Pe. José Sagués escreveu: “Recebi a obediência de ir a Taracua, e lá encontrei o maior impasse ao sentir-me completamente despreparado lingüística e culturalmente. Quando sentava para confessar, os velhos índios me falavam em tukano.

Pe. Eduardo me tirou do desânimo, ficando comigo cinco meses. Foi ele quem me iniciou nos cantos e no modo de executá-los.

Também me deixou um pequeno decálogo para atender confissões e aconselhar o povo tukano. Graças a ele pude passar cinco anos na itinerância de Taracuaá”.

Pe. Inspetor deu-lhe licença para passar um ano no povoado de Fátima com uma pequena comunidade de quatro catequistas, para traduzir os Evangelhos em Tukano, como também recolher valioso material etno-lingüístico. Naquela residência ele levou à frente um trabalho admirável de pesquisa lingüística.

Foi naquela ocasião que, juntamente com um catequista, deu início às suas obras literárias: fábulas, mitos, folclore, ritos religiosos, danças e pajelância da tribo tukana. Assimilou entranhadamente a cultura tukana de modo que agradava a todos. Seu nome na cultura tukana era conhecido por “JU-PURI”. Ele pregava e rezava a Santa Missa em língua tukana, exceto a Consagração.

Foi ouvido muitas vezes dizer: “gostaria de morrer no fundo de uma rede, no meio das crianças indígenas, em um povoado qualquer, cantando a liturgia tukana”. E realmente todos os dias celebrava a sua Missa em tukano, cantando, no velho dormitório de São Gabriel da Cachoeira”.

Desde 1994, começou a sentir-se cansado e com falta de ar. Ficou vários dias no hospital de São Gabriel para fazer exames e receber medicação... O médico, porém, ficou preocupado e o encaminhou para Manaus. No dia nove de fevereiro viajou para Manaus, em avião especial. A viagem foi tranqüila. Foi levado para a casa inspetorial, e parecia que tudo estava normal.

No dia seguinte, de manhã, antes da Missa, foram ao quarto e o encontraram já morto. Uma parada cardíaca!

O índio Alfredo Miguel Dontes, ao saber a notícia da morte, escreveu: “Pe. Edú um grande padre, e acima de tudo um grande homem, como também um grande coração. Um padre que esteve presente em quase toda a minha vida. Foi com ele que eu comecei a aprender e escrever na minha língua tukana”.

É mais um salesiano de valor, que nos deixa. Deixa porém bons frutos entre as tribos indígenas onde ele derramou seus suores, e lançou a boa semente da Boa Nova do Reino.